

Artigo original



“O ARTIGO ACADÊMICO: DA FUNÇÃO SOCIAL À ELABORAÇÃO?”

HENRIQUE, Marta Aparecida Broietti¹

¹ Departamento de Letras. FAPEPE – Faculdade de Presidente Prudente. UNIESP – União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo

Maria Aparecida Broietti Henrique

Mestre em Linguística e Filologia da
Língua Portuguesa (UNESP-Assis) e
professora da FAPEPE (UNIESP).

Artigo submetido em 25/01/2011

Aceito em 20/06/2011.

e-mail: broietti@uol.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva apontar os aspectos que constituem um artigo acadêmico: sua função social, suas partes e seus modos de elaboração. Com finalidade didática, o material mostra que os artigos acadêmicos podem ser uma alternativa para maior divulgação das descobertas científicas, bem como podem ser uma fonte de informação para as pessoas, uma vez que o saber acadêmico, muitas vezes, ocorre intramuros nas universidades nos diversos campos de conhecimento. O presente estudo mostra ainda como o conteúdo deve ser apresentado e como os elementos de formatação devem ser dispostos na construção do texto.

Palavras chave: Artigo acadêmico. Função social. Aspectos formais.

Abstract: This paperwork aims to identify the aspects that constitute an academic paper: its social function, their parts and their ways of elaboration. For instructive purposes, this material shows that the academic papers can be an alternative for more publicize of scientific discovers, also can be a source of information for people, since the academic knowledge, frequently, occurs inside the universities spaces in the different areas of it. This study also shows how the content must be presented and how the elements associated to the forms must be displayed in the text construction.

Keywords: Academic paper. Social function. Formal aspects.

INTRODUÇÃO

O artigo acadêmico ou científico é um gênero textual que objetiva divulgar, expandir um conhecimento científico e técnico para as pessoas interessadas por um determinado assunto, mas também pode alcançar pessoas que não são da área e que querem ou precisam conhecer sobre um determinado tema.

Os artigos científicos, para ter validade dentro da comunidade acadêmica, devem seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR6022, 2003. Neste estudo, são seguidas as orientações do órgão citado para evidenciar como é possível construir uma publicação que de fato contribua para as pesquisas da área escolhida.

Assim, esse tipo de texto precisa também levar conta os aspectos editoriais das revistas ou outro suporte a que se pretende submeter o material.

Segundo a NBR 6022, a publicação periódica científica impressa é

um dos tipos de publicações seriadas, que se apresenta sob a forma de revista, boletim, anuário etc. editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados, por tempo indeterminado, com a colaboração em geral, de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial definida, e que é objeto de Número Internacional Normalizado (ISSN)(ABNT, NBR 6022, 2003, p. 2).

O artigo científico faz parte de um grupo de trabalhos considerados acadêmicos que precisa seguir as normas de citação e referência, mas, sobretudo, deve servir a leitores interessados em pesquisar sobre assunto da publicação.

Outro aspecto fundamental é a linguagem empregada, cuja precisão e objetividade são necessárias para que o leitor compreenda com clareza toda a exposição envolvida no processo de produção do texto. A redação acadêmica prescinde de exageros que a linguagem informal e a literária podem conter.

A seguir serão abordados a função social do artigo e os aspectos estruturais e formais que devem ser observados para a elaboração do gênero em discussão.

ARTIGO CIENTÍFICO: A FUNÇÃO SOCIAL DO GÊNERO

Os artigos por causa de sua agilidade e também da rapidez de leitura são responsáveis pela atualização de dados científicos. Nesse sentido, há uma necessidade de expansão do gênero de promover sua elaboração já nos anos iniciais dos cursos de graduação.

Tais características fazem com que, em alguns campos do conhecimento, os artigos cheguem a ser mais importantes que as teses. Por isso, as agências de fomento e órgãos governamentais ligados à educação têm incentivado a produção de artigos das faculdades por todo o país.

Outra questão que precisa ser observada a possibilidade de o artigo ter uma versão em língua estrangeira - inglesa ou outra. Na verdade, essa exigência está mais relacionada ao alcance e à abrangência do texto e da área de pesquisa a que está vinculado. Esse fato pode contribuir para a maior divulgação dos artigos publicados pelos autores brasileiros.

O jornal Folha de S. Paulo¹ publicou, em setembro de 2011, uma matéria sobre a baixa visibilidade dos artigos.

Língua portuguesa esconde ciência nacional

Maioria das pesquisas brasileiras publicadas em revistas locais não tem versão em inglês, o que reduz a visibilidade

Número de citações por artigo dobra quando texto está em inglês; escolha do idioma da revista é 'editorial', diz especialista

SABINE RIGHETTI - DE SÃO PAULO

O Brasil é o 13º país na lista dos que mais publicam artigos científicos. Mas, quando o assunto é quantas vezes cada texto é citado por outros pesquisadores, o país vai mal. Isso acontece principalmente por um motivo: 60% dos artigos publicados por aqui estão em português.

E, diferentemente de países como a Espanha, boa parte dos cientistas daqui prefere publicar em revistas brasileiras.

A questão foi levantada em um evento da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), realizado na sexta-feira passada, que discutiu o desempenho dos periódicos brasileiros.

O interesse da Fapesp pelo assunto é claro: não adianta financiar as pesquisas se ninguém repercutir os resultados dos trabalhos.

"Precisamos pensar quais artigos devemos publicar só em português, só em inglês e quais devem estar nas duas línguas", disse Abel Packer, coordenador operacional do SciELO -base que reúne revistas científicas com acesso aberto na internet. [...]

A matéria jornalística observa a necessidade que o Brasil tem de não só produzir conhecimento, mas publicar os resultados de suas pesquisas. Isso vem ao encontro também da urgência que se tem no país de fazer com que o desenvolvimento científico saia das universidades, isto é, dos laboratórios, das salas de aula. É preciso que este saber chegue àquele que dele precisa.

Pode-se citar uma canção composta por Gilberto Gil que fala justamente da necessidade do homem em conhecer as coisas, de fazer parte de um mundo em que haja as evoluções tecnológicas.

Queremos Saber (Gilberto Gil)ⁱⁱ

queremos saber
o que vão fazer
com as novas invenções
queremos notícia mais séria
sobre a descoberta da antimatéria
e suas implicações
na emancipação do homem
das grandes populações
homens pobres das cidades
das estepes, dos sertões

queremos saber
quando vamos ter
raio laser mais barato
queremos de fato um relato
retrato mais sério
do mistério da luz
luz do disco-voador
pra iluminação do homem
tão carente e sofredor
tão perdido na distância
da morada do Senhor

queremos saber
queremos viver
confiantes no futuro
por isso de faz necessário
prever qual o itinerário da ilusão
a ilusão do poder
pois se foi permitido ao homem
tantas coisas conhecer
é melhor que todos saibam
o que pode acontecer

queremos saber
queremos saber
todos queremos saber

O texto acima, manifestado no gênero canção, leva o leitor a pensar no papel da ciência, das evoluções que são originárias de estudos de laboratórios. O último verso da canção diz que “todos queremos saber” sobre isso.

Percebe-se pela repetição do verso “queremos saber” a ânsia por ter conhecimento daquilo que é descoberto e que de algum modo o homem comum não está ciente. Além disso, o eu-enunciador questiona “o que vão fazer /com as novas invenções”. O fato de não ter contato com o linguajar técnico das áreas de estudo não

significa que as pessoas não possam entender o que as novas descobertas podem acarretar, pois: “é melhor que todos saibam/o que pode acontecer”.

O eu-enunciador reclama utilizando a primeira pessoa do plural por explicações, pois “queremos saber”. Há aqui uma ideia de coletividade evidenciada no verso: “quando vamos ter raio laser mais barato”. A canção faz um alerta para os cientistas, para os estudiosos de modo geral: o conhecimento precisa ser disseminado.

Nesse sentido, talvez, os artigos acadêmicos tenham a função social de aproximar assuntos técnicos das pessoas que não fazem parte de um grupo de estudo, de um setor específico, ou seja, um texto capaz de “iluminar” o homem para solucionar os “mistérios da existência”.

A linguagem e a extensão do artigo podem atrair leitores de áreas diferentes das que o artigo abrange. Com uma estrutura determinada, o artigo mantém as características da sistematicidade científica; já um formato mais objetivo torna o texto mais sintético. Associado a esses dois aspectos está também à agilidade para a publicação dos textos, uma vez que os periódicos têm uma frequência mais rápida que os livros de modo geral.

Os artigos, então, são materialidades linguísticas formais que circulam nos meios acadêmicos em suportes como revistas ou anuários, cuja função social é divulgar o conhecimento científico. Esse gênero também respeita a uma estrutura composicional estável, pois normalmente as edições obedecem às normas e aos padrões estabelecidos por entidades responsáveis pela normalização de trabalhos acadêmicos.

A próxima seção trata especificamente dos aspectos formais e estruturais de um artigo científico.

TIPOS E ESTRUTURA DE ARTIGOS

Entende-se que artigo científico constitui a “parte de publicação com autoria declarada que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento” (ABNT, 6022, 2003, P.2).

A mesma norma classifica os artigos científicos em:

- artigo de revisão: “parte de uma publicação que resume, analisa e discute informações já publicadas”;
- artigo original: “parte de publicação que apresenta temas ou abordagens originais”.

Em relação à estrutura, os artigos de uma maneira geral apresentam uma divisão fixa. Por uma questão didática, costuma-se dividir em três partes, a saber: elementos pré-textuais, textuais, pós-textuais.

Elementos pré-textuais

São considerados elementos pré-textuais dos artigos:

I Título: subtítulo (se houver);

II nome do autor (normalmente a titulação/qualificação do autor é inserida em nota de rodapé);

III Resumo na língua do texto;

IV palavras-chave na língua do texto.

Os elementos pré-textuais servem para dar ao leitor pistas sobre o assunto e a área de que trata o artigo. É comum o leitor tomar a decisão pela leitura do texto quando tem acesso ao título. Além de ser criativo, especificamente no gênero em debate, o título deve ser esclarecedor, por isso, às vezes, é necessário um subtítulo para dar uma explicação extra ao leitor.

O resumo deve ser conciso e deve estar associado ao texto. O leitor precisa ter uma breve noção dos aspectos que serão tratados nos textos sem os pormenores, ou seja, sem muitos detalhes.

Segundo a NBR 60 28, o resumo consiste na “apresentação concisa dos pontos relevantes do documento” (ABNT, 2003, p.2). A norma acrescenta que o resumo deve enfatizar “o objetivo, o método, os resultados e as conclusões” do trabalho.

A ABNT considera que a primeira frase do resumo “deve ser significativa” e apontar “o tema central” do estudo.

Nesse sentido, é preciso atentar para alguns aspectos ao se fazer o resumo, tais como:

- usar a terceira pessoa do singular, verbo no presente e na voz ativa;
- compor uma sequência corrente de frases concisas e não de uma enumeração de tópicos;
- não fazer uso de parágrafos, de frases negativas, símbolos ou contrações.

Além disso, as fórmulas e as equações devem ser evitadas, porém se forem imprescindíveis, devem ser definidas na primeira vez que aparecem no estudo.

As palavras-chave contribuem para reforçar os “pilares” de sustentação do artigo. São palavras que servirão como elemento de destaque para despertar o interesse do leitor.

Elementos textuais

Consideram-se elementos textuais do artigo:

I Introdução: “Parte inicial do artigo, onde devem constar a delimitação do assunto tratado, os objetivos da

pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do artigo” (ABNT, 6022,2003, p.4).

Alguns autores denominam esta parte de **situação-problema**. Pode-se dizer que o que é essencial neste espaço é a definição do tema e a que se propõe o texto.

II Desenvolvimento: “Parte principal do artigo, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto tratado. Divide-se em seções e subseções, conforme a NBR 60 24, que variam em função da abordagem do tema e do método” (ABNT, 6022, 2003, p.4).

Essa parte é chamada também de **discussão**. Consiste na demonstração dos conceitos e análise do objeto de estudo. Aqui, o autor do artigo deve fazer uso da revisão da literatura e lançar mão de suas próprias considerações.

III Conclusão: “Parte final do artigo, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses” (ABNT, 6022, 2003, p.4). Esta seção é também conhecida por **solução-avaliação**.

Elementos pós-textuais

Constituem os elementos pós-textuais do artigo:

I Título: subtítulo (se houver) em língua estrangeira;

II Resumo em língua estrangeira (se houver);

III palavras-chave em língua estrangeira (se houver);

Vale lembrar que alguns periódicos solicitam o título, o resumo e as palavras-chave em língua estrangeira no início do texto, logo depois da versão em língua vernácula.

IV nota(s) explicativa(s)- geralmente são explicações adicionais informando a origem de um determinado termo ou conceito;

V referências – constituem as obras consultadas e citadas no trabalho;

VI glossário (se houver)- trata-se de um conjunto de palavras utilizado pelo autor do trabalho que tenha um cunho técnico;

VII apêndice(s), material elaborado pelo autor do trabalho;

VIII anexo(s), material utilizado no trabalho, mas que não tenha sido elaborado pelo autor do artigo.

ASPECTOS FORMAIS

O estilo na redação acadêmica

Ao redigir um texto acadêmico, o autor do texto deve levar em consideração alguns aspectos, a saber: correção, clareza, objetividade e simplicidade. Algumas pessoas acreditam que um texto “pomposo” tenha mais valor que outro que prima pela sobriedade. Isso é um engano. Pois, diferentemente da linguagem literária, a linguagem acadêmica precisa lidar com o entendimento, precisa da objetividade. Assim, a polissemia e a ambiguidade não são características positivas na produção do texto acadêmico.

É necessário evitar o excesso de palavras avaliadas como adjetivos e certos substantivos que dão um tom “emotivo” ao discurso. Caso essas classes de palavras sejam essenciais, devem ser utilizadas com exatidão. Um exemplo disso:

uma grande empresa = uma empresa com X funcionários, com rendimentos Y

A precisão para descrever situações, fatos, ocorrências, fenômenos ou pessoas pode evitar polêmicas e questionamentos sobre o valor do trabalho. Ademais, o leitor pode ter uma ideia completa, sem a possibilidade de uma interpretação equivocada.

Ao se utilizar abreviaturas ou siglas, deve-se colocar por extenso na primeira vez em que aparecem no texto, acrescentando-se a abreviatura ou a sigla entre parênteses: *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CNPq)*

Já quanto às citações e às referências, devem ser elaboradas conforme as normas da NBR10520 e NBR 6023, respectivamente, em vigor.

E as figuras?

São consideradas ilustrações: desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, retratos etc. A identificação delas aparece na parte de baixo, precedida da palavra designativa (por exemplo: Figura somente a 1ª letra maiúscula), seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos, do respectivo título e/ou legenda explicativa de forma breve e clara, dispensando consulta ao texto e da fonte (MÜLLER; CORNELSEN, 2003).

As figuras devem ser inseridas o mais próximo possível do trecho a que se referem, conforme a disposição gráfica. Não se deve utilizar uma ilustração apenas para deixar o trabalho mais “bonito”, portanto ela deve ter uma finalidade, isto quer dizer que precisa ter uma relação com as ideias discutidas no texto.

Quadro ou tabela?

De modo geral, as tabelas trazem informações estatísticas. Elas devem ter o título colocado na parte superior, com a palavra Tabela (a primeira letra maiúscula) e de seu

número de ordem em algarismos arábicos. As fontes precisam ser citadas no rodapé da tabela; devem ser inseridas próximas do trecho a que se referem.

As tabelas não devem apresentar as linhas verticais externas, pois estas configuram quadros e não tabelas.

Os quadros são explicações resumidas, servem para sintetizar um conteúdo. Normalmente ajudam a visualizar melhor um conteúdo textual. Assim, não apresentam informações numéricas e podem apresentar traços laterais. Abaixo segue um modelo de tabela.

Tabela 20.2 Déficit previdenciário da União- 1995-1999

	1995	1996	1997	1998	1999
INSS	0,37	0,32	0,53	1,11	0,86
Servidores Públicos	2,06	1,90	1,95	1,96	1,96
TOTAL	2,43	2,22	2,48	3,07	2,82

Fonte : Boletim de Finanças do IPEAⁱⁱⁱ.

CONCLUSÃO

O presente estudo, com objetivo de contribuir para a produção de textos acadêmicos, não esgota as considerações sobre o gênero artigo, mas aponta algumas questões pertinentes ao tema.

Assim, foram apresentados os fatores que constituem o gênero artigo acadêmico: **função social** (divulgação rápida do conhecimento científico); **plano composicional** (suportes- revistas/anuários - e estrutura composta por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais) e também o **estilo** que utiliza uma linguagem objetiva, sem uso de figuras de linguagem; sem usar elementos avaliativos (adjetivo/substantivo), predominando, dessa forma, a precisão (BAKHTIN, 2003).

Este trabalho tratou ainda dos aspectos relacionados à busca pelo conhecimento, uma vez que verificou que aqueles que não fazem parte de uma área de pesquisa, aquele que não está diretamente ligado às pesquisas também quer tomar ciência das descobertas que poderão facilitar ou mesmo afetar a todas as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022:2003**: Informação e documentação- artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação, 2003.5p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028:2003**: Resumos. Rio de Janeiro, 2003.

- BAKHTIN, M.. **A estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. (2003)
- GIL, Gilberto. Queremos Saber. **LETRAS.mus.br**. Disponível em <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/335546/> . Acesso 28 out.2011.
- MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 5 ed. Londrina, PR: Eduel, 2003.
- REZENDE, Fernando. **Finanças Públicas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- RIGHETTI, Sabine. Língua portuguesa esconde ciência nacional. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2009201102.htm>. Acesso 28 out.2011.

ⁱ RIGHETTI, Sabine. Língua portuguesa esconde ciência nacional. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2009201102.htm>. Acesso em 20 set.2011

ⁱⁱ A letra da canção foi extraída do site LETRAS.mus.br. Disponível em <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/335546/>. Acesso 28 out.2011.

ⁱⁱⁱ O modelo de tabela foi retirado da seguinte obra: REZENDE, Fernando. **Finanças Públicas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001. p.370.